

O conceito do Consolo Metafísico em Nietzsche como superação da teoria schopenhaueriana da tragédia

Renato Nunes Bittencourt
Doutorando em Filosofia do PPGF-UFRJ/Bolsista do CNPq

Introdução

Nietzsche, ao redigir a primeira versão de *O nascimento da Tragédia* (publicado em janeiro de 1872), se encontrava sob a marcante influência da estética wagneriana e da filosofia de Schopenhauer. O projeto central desta obra consiste na associação feita por Nietzsche entre o fenômeno trágico dos gregos antigos e a ópera romântica de Wagner, a quem admirava profundamente. Tal perspectiva granjearia a indignação dos eruditos filólogos alemães, que consideravam tal ensaio uma afronta ao teor de seriedade acadêmica preconizada pela ciência da Filologia Clássica.¹ Da variedade de temas contidos nesse livro, um dos mais importantes consiste certamente na questão da finalidade da tragédia, a qual perpassa os principais textos de Nietzsche, inclusive aqueles que consideramos usualmente como as obras de sua maturidade (1882-1888). Enfocaremos nossa atenção nessa questão.

Ao dissertar acerca da questão da finalidade trágica para a vida, Nietzsche compara sua perspectiva com duas outras grandes teses: a de Aristóteles², pela qual

¹ Inclusive, vale ressaltar a polêmica que o então jovem filólogo Ulrich von Wilamowitz-Möllendorff inicia ao criticar a obra de Nietzsche, publicando o virulento ensaio “Filologia do Futuro!” como contrapartida ao texto nietzschiano, ao qual acusa de demasiado poético e “anti-científico”.

² A oposição de Nietzsche em relação a Aristóteles na questão da finalidade da tragédia se encontra principalmente no § 80 da *Gaia Ciência* e no § 5 da sessão “O que devo aos antigos”, do *Crepúsculo dos Ídolos*. Na citada sessão da *Gaia Ciência*, Nietzsche enfatiza o apreço dos gregos pela retórica, considerando que o espectador, ao assistir a cena trágica, buscava sobretudo ouvir belas palavras, ainda que a situação dramática fosse a mais terrível. Tal fato, na compreensão nietzschiana, decorreria do sentimento de superação do sofrimento por meio da expressão da beleza, mesmo nas situações mais adversas, de maneira que o homem, ao presenciar o declínio do herói, sentiria felicidade, e não as paixões descritas por Aristóteles (temor e compaixão), pois veria a superação da beleza sobre as adversidades, uma vez que as impressões externas dolorosas, ao invés de motivarem no herói o grito, estimulavam o canto belo. Devemos ainda destacar que esta é uma crítica de Nietzsche ao naturalismo dos gestos no teatro, pois o personagem, ao sofrer de forma atroz, se porventura seguisse a sua natureza

certamente todo esteta que verse acerca do problema da tragédia deve passar, e Schopenhauer, que, conjuntamente com Richard Wagner, foi um dos seus mentores intelectuais.

Nessas condições, um dos pontos mais importantes que devemos destacar reside no fato de que Nietzsche, ainda que tenha redigido *O nascimento da Tragédia* sob a marcante influência da filosofia de Schopenhauer, já demonstra nessa obra polêmica o prenúncio da emancipação intelectual que se consolidaria de forma concreta a partir da publicação da primeira parte de *Humano, demasiado Humano* (1878). Mesmo que possamos pensar o jogo de forças entre o apolíneo e o dionisíaco através das categorias schopenhauerianas de Representação e Vontade, e ainda o primado da música na tragédia como elemento desvelador da essência trágica do mundo³, há aspectos que, comparados minuciosamente, comprovam já um nítido distanciamento de Nietzsche em relação ao pensamento schopenhaueriano. Com efeito, Nietzsche, difere totalmente de Schopenhauer na consideração referente ao problema da finalidade trágica: para Nietzsche, ela proporciona a alegria, o júbilo pela existência, ainda que a vida seja marcada pela dor, pela inconstância e pela regência do acaso. Vejamos então o motivo que nos leva a ressaltar o distanciamento teórico de Nietzsche em relação ao valor concedido ao espetáculo trágico por Schopenhauer.

Schopenhauer e a tragédia

Na concepção schopenhaueriana, a tragédia demonstraria de forma muito precisa o embate da Vontade primordial consigo mesma, por meio do choque de interesses

comum, gritaria, se contorceria, gesticularia de forma grotesca, diria impropérios, retirando assim o fundo de beleza da representação dramática. Nietzsche, portanto, considera que é na preocupação os dramaturgos de se evitar a exibição desmedidas dos gestos que se inicia o uso das máscaras, pois esta impede qualquer demonstração do feio no rosto do personagem. No *Crepúsculo dos Ídolos*, por sua vez, Nietzsche retoma a sua compreensão da finalidade trágica, desenvolvida ao longo do *Nascimento da Tragédia*: o espetáculo trágico, ao invés de proporcionar o citado efeito preconizado por Aristóteles, reforça o júbilo pela vida. Essa questão é elucidada se compararmos as teorias de Aristóteles e de Nietzsche aos efeitos que elas supostamente proporcionariam ao homem. Enquanto que para Aristóteles a cena trágica purificaria a alma do homem das suas paixões, consideradas degradantes, para Nietzsche, por outro lado, ela serviria de tônico da vida, proporcionando o acréscimo da potência de agir. Desse modo, podemos dizer que ambos desenvolvem uma teoria fisiológica acerca da finalidade da tragédia. Contudo, enquanto Aristóteles interpreta sob um viés relativamente negativo, pois não se preocupa com a ampliação da capacidade de agir humana, Nietzsche, por sua vez, valoriza justamente o caráter extraordinário da tragédia por considerar que ela, mesmo demonstrando o terrível declínio do herói, manifesta a idéia da existência do prazer pela existência mesmo na aniquilação, o que torna a vida um evento digno de ser vivido. Para maiores detalhes da catarse aristotélica, Cf. *Poética*, VI, 1449b-27.

³ Na sua hierarquização das belas-artes, Schopenhauer elevava a música como a maior de todas as artes, por expressar não os arquétipos das coisas existentes (as Idéias), mas a própria essência do mundo, a Vontade. Por outras palavras, a música seria um correlato da Vontade. Para mais detalhes desse problema, ver *O Mundo como Vontade e como Representação*, III, § 52.

egoístas entre os homens, os quais, lutando entre si, proporcionam o mútuo aniquilamento.⁴ Nessas condições, o mundo no qual vivemos é bizarro e maléfico, por justamente ser o palco de mazelas e atrozes sofrimentos do homem. A tragédia, portanto, deve ter o compromisso de demonstrar esses tormentos contínuos do ser humano por meio da ação dramática, na qual o fim adequado consiste sempre no declínio do herói.

Contudo, de acordo com a perspectiva schopenhaueriana, podemos considerar que, ao representar cenicamente o sofrimento humano, o dramaturgo estaria empreendendo um grande benefício para a humanidade, pois a exibição dos tormentos do herói instigaria no espectador o sentimento de resignação diante da desgraça da existência, despertando assim a compreensão de que a vida não é digna de ser vivida.⁵ Dessa maneira, surge a aceitação do homem em relação ao caos do mundo, pois este, sendo o palco da instabilidade e da discórdia, não é o lugar adequado para que os justos e bons possam viver adequadamente. Isso justifica o fato de Schopenhauer criticar os dramaturgos que, adotando uma perspectiva exageradamente otimista, fazem prevalecer a “justiça poética” no final das suas obras. Esse recurso preconiza a idéia de que o bem e a virtude merecem ser recompensados com a felicidade, enquanto a maldade e o vício devem ser punidos definitivamente. Desse modo, o herói virtuoso, após sofrer as mais terríveis atribuições, ao término da peça é premiado com grandes dádivas, pois se manteve constante, apesar dos obstáculos impostos pelos malvados e pelas circunstâncias adversas do destino. Essa compreensão otimista, para Schopenhauer, é absurdamente equivocada, pois ela motiva a ilusão no espectador, que acreditaria na existência de uma justiça autêntica no mundo que, no devido momento, faria prevalecer definitivamente o Bem sobre as inclinações do Mal. Afinal, esse anseio pela realização da justiça, de acordo com a visão schopenhaueriana de mundo, não se comprova na dimensão cotidiana, pois as determinações do egoísmo e da maldade prevalecem sobre todo tipo de virtude moral. O mundo pertence aos tiranos.

Ao comparar os fundamentos teóricos das grandes tragédias, tanto as da Antiguidade como as da era moderna, Schopenhauer detecta um diferencial essencial entre ambas as perspectivas: a tragédia grega demonstrava sobretudo o embate do herói contra as forças do destino e da natureza, com o seu conseqüentemente infortúnio e declínio

⁴ Cf. SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*, III, § 51.

⁵ Cf. SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*, III, § 51.

como fruto de seus atos desmedidos; a tragédia moderna, por sua vez, através da influência ascética da moralidade cristã, evidencia nos seus nobres personagens o sentimento de resignação e renúncia diante de um mundo intrinsecamente ruim. Entretanto, o elemento principal que concederia, segundo Schopenhauer, uma superioridade estética e moral da tragédia moderna em relação à grega, consiste na idéia de que o herói, por meio de seu sofrimento, expia o pecado original, ou seja, o próprio fato de ter nascido.⁶ Essa compreensão negativa da natureza da vida, na perspectiva schopenhaueriana, se comprova pelo próprio estatuto adquirido pela arte no seu sistema filosófico: apaziguar o ânimo de ser humano, aplacando o querer da sua vontade de viver, raiz de todo o Mal existente no mundo. A contemplação estética exerceria na afetividade humana o efeito semelhante ao de um calmante, um narcótico para atenuar a intensidade das suas paixões conflitantes e ambíguas. Nessa classificação, a tragédia, sendo considerado o principal dos gêneros poéticos, dentre as artes que expressam adequadamente as Idéias, se encontraria no patamar mais elevado, justamente por representar de forma mais nítida a Idéia mais perfeita, a do Homem, livre de quaisquer determinações empíricas.

Para finalizar essa seção, podemos dizer que Schopenhauer elabora tal compreensão da tragédia buscando solucionar uma carência humana, o próprio estado de sofrimento que assola grande parte da humanidade. A tragédia, nessa concepção, não brotaria de um sentimento originário de júbilo pela vida, que proporcionaria a potencialização do seu bem-estar. Pelo contrário, ela serviria como um recurso moralizante para o espectador, que compreenderia o estado de caos do mundo motivado pela afirmação do egoísmo entre os homens, assim como a impossibilidade deste mundo injusto ser modificado pela virtude do herói que se rebela contra essa situação. A tragédia demonstra o infortúnio do herói diante da maldade dos homens egoístas, de maneira que o homem virtuoso, movido na sua existência pelo sentimento de afirmação da vida e da nobreza de intenções, finalmente compreende que o mundo não foi destinado para o sucesso dele, renunciando então a todo o tipo de agir.

Essa resignação diante do caráter maléfico do mundo, na filosofia de Schopenhauer, está diretamente vinculada com o seu projeto ético que preconiza a ascese humana diante das inclinações motivadas pela vontade de viver, tarefa destinada

⁶ Cf. SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*, III, § 51. Destaquemos que, na formulação dessa idéia, Schopenhauer foi marcadamente influenciado pelo dramaturgo espanhol Calderón de la Barca (1600-1681) através da peça *A Vida é Sonho*.

ao IV livro de *O Mundo como Vontade e como Representação*. Nessa perspectiva, o espectador, ao ver na cena trágica o herói abrir mão da realização de seu projeto valoroso, sentiria uma espécie de desgosto positivo pela vida, sentimento este que lhe demonstraria a ausência de sentido de um mundo desprovido de finalidade ulterior, motivando então a instauração da mais plena quietude nas suas disposições de ânimo. Não vale a pena a disposição heróica nesse mundo marcado pelo contínuo florescimento da iniquidade. Conseqüentemente, a tragédia serve como um calmante da vontade humana, uma preparação para a sua ascese definitiva. Podemos então perceber que a estética de Schopenhauer desemboca numa prática ética; não é, pois, uma reflexão estética estéril descompromissada com a intensidade da vida, que trata da arte pela arte, mas serve de preparação para o primado maior da ação ética, a renúncia ao mundo, o desapego da vontade humana diante dos apelos mundanos.

Nietzsche e a finalidade trágica

Na concepção de Nietzsche, a tragédia grega demonstra sobretudo o aniquilamento do herói diante de forças extraordinárias que o superam. O herói representado em cena é um indivíduo, e o destino da individuação é a dissolução no âmago da natureza. Contudo, Nietzsche salienta que o verdadeiro padecente da cena trágica seria Dionísio, a pulsão vital que se encontra por detrás de todo o mistério da individuação. Dessa maneira, os grandes heróis trágicos tais como Prometeu e Édipo seriam máscaras dionisíacas, avatares que representam extensivamente a potência do deus no momento de seu desmembramento cósmico.⁷ Todavia, Nietzsche salienta que a existência brota dessa torrente de dor, pois a fragmentação de Dionísio proporciona a gloriosa formação das inúmeras expressões da vida. O deus fragmentado, transformado em ar, água, terra e fogo, representa assim o tormento da individuação, do qual ele cria, com seu sorriso, os deuses olímpicos, e com suas lágrimas, a vida humana. Dionísio, produto do divino casamento entre o céu e a terra, é ao mesmo tempo governador clemente e homem feroz, trazendo consigo a promessa do próprio renascimento, que reunirá o mundo e acabará com a dolorosa existência limitada pela individuação.⁸

Para Nietzsche, a visão trágica de mundo seria uma espécie de tônico, que reforçaria as disposições de ânimo do homem para a ação, para a criação, uma vez que motivaria a compreensão de que o sofrimento presente na vida está associado com o

⁷ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da Tragédia*, § 9.

⁸ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da Tragédia*, § 10.

prazer, de forma que ambos os pólos, ainda que antagônicos aparentemente, interpretados numa compreensão global seriam plenamente complementares. Conforme os dizeres de Nietzsche, “cada instante devora o precedente, cada nascimento é a morte de incontáveis seres, gerar, viver e morrer são uma unidade”.⁹ Segundo essa perspectiva, todas as coisas do mundo se encontram interligadas, de maneira que, quando o homem descobre essa realidade fundamental, ele perde o sentimento de medo e tristeza diante da fugacidade do devir, afirmando a beleza de tudo aquilo que existe, independentemente de qualquer consideração moral e transcendente de valor, tal como agiria um indivíduo dotado da compreensão metafísica de mundo, ao postular a existência de um mundo supra-sensível como modelo de perfeição. Nietzsche denomina esta compreensão da existência proporcionada pela tragédia como o “consolo metafísico”, cuja nobre função consistiria em demonstrar ao espectador que a vida, apesar de toda transformação, é plena de júbilo:

O consolo metafísico aparece com nitidez corpórea como coro satírico, como coro de seres naturais, que vivem, por assim dizer, indestrutíveis, por trás de toda civilização, e que, a despeito de toda mudança de gerações e das vicissitudes da história dos povos, permanecem sempre os mesmos [NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da Tragédia*, § 7].

A possibilidade de existir essa compreensão acerca da existência, destituída de qualquer traço pessimista, entristecido, consiste na presença do coro trágico, que permanece indissolúvel, apesar das mudanças necessárias ocasionadas pelo devir e do inevitável aniquilamento individual. Na concepção trágica, o homem descobre que o fluxo vital da existência não se extingue, ainda que a vida individual venha a se dissipar. Nessa perspectiva, o espectador intui que a individualidade é apenas um dos aspectos da existência, e que a vida extensa não é a única possibilidade de manifestação da vida do ser humano. Essa revelação ocorre pelo fato de que, na própria dissolução individual, a potência engendradora do mundo continua a expansão de sua trajetória, possibilitando a renovação da vida nos seus mais diversos modos de expressão. O coro trágico, ao cantar o sagrado louvor ao existir, afirmava assim o espírito criativo da transformação contínua da natureza. Tal como Nietzsche salienta,

É nesse coro que se reconforta o heleno com o seu profundo sentido das coisas, tão singularmente apto ao mais terno e ao mais pesado sofrimento, ele que mirou com olhar cortante

⁹ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. “O Estado Grego” In: *Cinco Prefácios para Cinco Livros não escritos*, p. 49.

bem no meio da terrível ação destrutiva da assim chamada história universal, assim como da crueldade da natureza, e que corre o perigo de ansiar por uma negação budista do querer. Ele é salvo pela arte, e através da arte salva-se nele – a vida. [NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da Tragédia*, § 7]

Mediante essa interpretação trágica diante da constatação do devir do mundo, podemos dizer que a perspectiva nietzschiana acerca da tragédia pretende manifestar ao homem esse sentido imanente do jogo de forças do mundo, destituída, conforme citado anteriormente, de qualquer consideração moral de mundo, pois o devir, no seu processo de criação e destruição, atua sem qualquer finalidade ulterior, desprovido de qualquer teleologia cujo fundamento se encontre fora do âmbito do mundo no qual vivemos. O devir exerce a sua função transformadora no mundo tal como é expressado na sentença de Heráclito: “Tempo é criança jogando, brincando; de criança o reinado” [Fragmento DK 52]. Este seria um dos resultados do consolo metafísico aludido por Nietzsche: abolir uma interpretação transcendente do mundo, uma renúncia ao mundo físico em prol do supra-sensível, onde estaria situada a verdadeira liberdade e realidade. Nessas condições, podemos dizer que o consolo metafísico revela ao homem a idéia de que a vida é digna de ser vivida tal como ela é, de maneira que, pretender qualquer modificação para um suposto “melhor” já denota uma espécie de desgosto e insatisfação pela vida.

O consolo metafísico, ao fazer o homem compreender que o conceito de “vida” não abarca a totalidade efetiva da própria vida, demonstra ao parcial olhar individual que ela permanece, porém, manifestada em muitas outras possibilidades. Conforme podemos constatar, esse conceito problematizado por Nietzsche de forma alguma pode ser interpretado na qualidade de um afeto que instiga no homem o desenvolvimento da resignação diante da terrível caráter efêmero do mundo, como pretendia Schopenhauer, o que resultaria numa severa passividade diante da realidade em que vivemos); trata-se, isso sim, da possibilidade de instauração de um sentimento muito mais ativo e poderoso, que fizesse o ser humano, ao despertar na sua vida a sabedoria trágica, apreender a realidade do mundo sem se deixar limitar pelo medo diante da transformação ou pela injúria contra a natureza pelo fato de ter nascido, como preconizaria uma interpretação pessimista da existência.. Esse tipo de pessimismo ressoa na sabedoria terrível de Sileno, o sátiro companheiro de Dionísio: sendo indagado pelo Rei Midas o que era

melhor para o homem, Sileno afirma categoricamente que a situação melhor para o ser humano era inteiramente inatingível, não ter nascido, e a segunda, morrer logo.¹⁰

A compreensão trágica do mundo, dissolvendo o pessimismo prático, permite ao homem amar o dever, o fluxo de transformação de todas as coisas, pois, nesse caráter de imanência, a vida é plenamente justificada pela arte. Portanto, poderíamos tomar a liberdade de afirmar que “glorioso” é o herói que tomba aniquilado diante da ação inexorável do destino, pois ele teve a oportunidade de viver intensamente a tragicidade da existência, independentemente de qualquer temor diante da ação destrutiva das forças do acaso. Na perspectiva trágica, tal circunstância de afirmação da dissolução individual decorreria da compreensão de que as máscaras dionisíacas podem ser destruídas, mas não o próprio Dionísio, que possibilita a renovação da vida através do contínuo nascimento dos seres individuais.

Considerações Finais

Podemos associar a interpretação acerca da função da tragédia nas concepções Schopenhauer e Nietzsche aos elixires, que determinariam, de acordo com a perspectiva defendida por cada desses filósofos, um determinado efeito no ser humano.

Para Schopenhauer o efeito da ação da tragédia sobre o espectador seria como uma espécie de narcótico da vontade, um calmante que faria com que o homem, conhecendo o fundo de horror da existência, abrisse mão de seus projetos e aspirações, pois o grande palco do mundo sempre manifesta o triunfo da maldade sobre a ordem e a virtude. Demonstrando ao homem essa situação de eterna calamidade, o efeito trágico, portanto, evidenciaria a importância da renúncia ao agir, ou seja, ao próprio mundo dos homens, repleto de insanidades insolúveis.

Nietzsche, conhecendo as interpretações da tragédia de Aristóteles e Schopenhauer, elabora uma perspectiva certamente inovadora, pois, ao invés de tecer considerações sobre supostos afetos ruins da alma, ou sobre uma compreensão negativa do mundo e da vida, desenvolve uma visão sobre o valor da existência independente de fatores morais teleológicos ou transcendentais. Para Nietzsche, o mundo não deve ser interpretado pelos parâmetros morais de valor, uma vez que essa tendência decorre de uma compreensão parcial da realidade, pautada acima de tudo na legitimação da idéia de um conceito de bem supra-sensível. Por conseguinte, Nietzsche considera que a

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich, *O nascimento da Tragédia*, § 3.

tragédia, mesmo demonstrando o aniquilamento e a dor do herói, pretende despertar no espectador a compreensão de que tudo aquilo que existe merece ser dignificado, divinizado, pois o sofrimento é apenas o outro aspecto do prazer. Mais ainda, a vida é uma constante interação de forças, de maneira que a morte de um indivíduo é a possibilidade de renovação do mundo.

Ao demonstrar essa dimensão da vida, a tragédia, na acepção nietzschiana, faria com que o homem tomasse conhecimento que, por detrás da transformação sucessiva das coisas existentes, a pulsão da vida permanece, se manifestando na multiplicidade dos seres, que continuamente se reconfiguram em novas formas extensivas. Consequentemente, a interpretação de Nietzsche pretende afirmar incondicionalmente o valor da vida, posto que essa cosmovisão decorre de uma compreensão de que todos os elementos constituintes do mundo estão intimamente entrelaçados, não havendo, portanto, algo que seja considerado do ponto de vista do “melhor” ou do “pior”.

Nessas condições, a tragédia de forma alguma motivaria o entorpecimento do ânimo, mas o fortalecimento extraordinário do mesmo. Na perspectiva nietzschiana, a tragédia é, portanto, o tônico revigorante da existência, um elemento de afirmação da vida. A cena trágica, longe de despertar no homem a aversão pela existência, é a experiência ética-estética que favorece por excelência a sua glorificação.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. de Eudoro de Souza. Lisboa: INCM, 1992.

CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. *A Vida é Sonho*. Trad. de Renata Pallottini. São Paulo: Hedra, 2007.

HERÁCLITO. “Fragmentos”. In: Vol. *Pré-Socráticos*, Col. “Os Pensadores”. Trad. de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco Prefácios para Cinco Livros não escritos*. Trad. de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos - ou como filosofar com o martelo*. Trad. de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*. Trad. de Jair Barboza. São Paulo: Edusp, 2005.

WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, Ulrich von. “Filologia do futuro!”, I parte, In MACHADO, Roberto (org.), *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Trad. de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 55-78.